

A JUVENTUDE E A EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA ACERCA DA PERMANÊNCIA/MIGRAÇÃO DOS/DAS JOVENS DO CAMPO

Leidjane Fernandes Baleeiro¹

Priscila Gomes Dornelles²

RESUMO

Este artigo analisa a produção científica sobre juventude do campo e Educação do Campo, bem como problematiza os fatores que produzem efeitos na permanência/migração dos/das jovens do campo. Para tanto, foram analisados artigos relacionados à temática citada publicados em eventos acadêmicos de Educação do Campo, de abrangência nacional e internacional, realizados no ano de 2013. Por meio desta revisão bibliográfica situada, buscou-se responder a seguinte questão norteadora: Quais os fatores que contribuem para a permanência/migração da juventude do campo? A partir do diálogo com autores/as como Castro (2005, 2008, 2012), Weisheimer (2005), Caldart (2010), Bogo (2013), Vendramini (2010), dentre outros, evidenciou-se que a permanência/migração dos/das jovens do campo está relacionada a uma conjuntura social, no qual fatores como a precarização e a desvalorização do trabalho no campo, da falta de acesso à terra, à educação, à saúde, ao lazer, dentre outras dificuldades vivenciadas no meio rural, determinam e influenciam a decisão dos/das jovens entre ficar e sair do campo.

Palavras-Chave: Educação do Campo. Juventude do Campo. Permanência/ Migração.

INTRODUÇÃO

Permanecer no campo é um grande desafio para a juventude. Fatores sociais como a precarização e a desvalorização do trabalho no campo; falta de acesso à terra, à educação, à saúde; falta de recursos para produzir e a concepção de que a cidade é o melhor local para se viver são alguns fatores que impulsionam a migração dos/das jovens do campo.

¹ Mestranda em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB; Licenciada em Letras/Português pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES; Especialista em Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial pela UFRB; Especialista em Democracia Participativa, República e Movimentos Sociais pela UFMG; Bolsista Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB. E-mail: leidy_janne@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e professora vinculada ao Mestrado Profissional em Educação do Campo da UFRB. Integrante do GEPEFE/UFRB (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Formação de Professores e Educação Física) e do Núcleo CAPITU/UFRB (Gênero, Diversidade e Sexualidade). E-mail: prisciladornelles@gmail.com.

A educação rural, ofertada às populações do campo, também colaborou para incorporar ao campo uma ideia de que a busca da felicidade e do desenvolvimento no meio urbano eram os rumos possíveis para os/as jovens do campo. Assim, a instituição escolar no meio rural contribuiu para inserir no cotidiano dos sujeitos do campo, experiências educacionais e culturais diferentes daquelas do universo camponês. Segundo Ademar Bogo (2013, p. 101), “a educação sempre cumpriu um papel marginal para a valorização dos camponeses enquanto seres sociais, classe e cultura”.

Nesse contexto, a educação rural incentivou perspectivas de vida distantes da realidade do campo, ocasionando algo como a negação do próprio campo. Esta proposta educativa alheia ao campo contribuiu (contribui) para a migração dos/das camponeses/as para o meio urbano. Nesse sentido, Bogo (2013, p.101), afirma que: “a falta da escola e de oportunidades, somados ao sonho de ascensão social, levaram a população predominantemente rural a migrar em grande quantidade para os grandes centros urbanos”.

Contrapondo ao modelo de educação excludente e distante da contextualização política do campo, os movimentos sociais do campo propõem uma Educação do/no Campo construída pelos e com os/as sujeitos. Assim, compreendendo a formação humana como direito e pensada a partir da especificidade e do contexto do campo.

Ao discutir sobre o trabalho coletivo e as experiências formativas na Educação do Campo, Vendramini afirma que “a Educação do Campo não é um ato isolado, mas coletivo e contextualizado e, em segundo, que a educação, na perspectiva da transformação social, deve estar associada a formas alternativas e coletivas de produção da vida” (2010, p. 133). Assim, o projeto de Educação do Campo defendido pelos movimentos sociais objetiva, de forma contundente, o reconhecimento dos trabalhadores e trabalhadoras do campo e seus modos de produzir suas condições materiais de existência.

Nesse sentido, as condições materiais são fundamentais para a permanência dos trabalhadores e das trabalhadoras no campo. Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar os fatores que produzem efeito na permanência/migração dos/das jovens do campo. Para isso foram analisados artigos publicados em eventos acadêmicos de Educação do Campo, especificamente aqueles que abordavam o tema Juventude e Educação do Campo, buscando identificar: Quais os fatores que contribuem para a permanência/migração dos/das jovens do campo?

A pesquisa aqui apresentada partiu da análise de artigos publicados em anais de eventos em Educação do Campo, a saber: I Seminário Internacional de Educação do Campo

da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, (2013) e do II Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR (2013). Ressalta-se que para efeito deste trabalho, foram analisados artigos que abordam direta ou indiretamente a temática da permanência/migração dos/das jovens do Campo. Os artigos analisados abordam temas relacionados à Juventude do Campo, demonstrando que este tema é cada vez mais recorrente, especificamente na Pesquisa em Educação do/no Campo, tendo em vista, problematizar e dar visibilidade à categoria.

Em estudo realizado no ano de 2005, Weisheimer (2005) constatou que as pesquisas sobre juventude no meio rural, ainda eram pouco expressivas, quando considerado o volume da produção. No entanto, percebe-se que houve avanços neste sentido, tendo em vista que nos últimos anos, o tema está sendo mais abordado no meio acadêmico, fato que pode ser comprovado nos anais dos eventos analisados para a realização deste trabalho, bem como na formulação de políticas públicas para essa categoria.

Juventude (s e Educação do Campo: posições teórico-políticas

Pensar e discutir sobre a juventude, especialmente, a brasileira, exige um olhar de diversidade e de complexidade, pois não se pode falar em uma única juventude, mas em diversas juventudes. Isso porque a categoria juventude, segundo Weisheimer (2005, p. 26), “é uma construção social, cultural e histórica altamente dinâmica e diversificada, o que implica considerá-la numa realidade múltipla, visto que os jovens não formam um todo homogêneo”.

Tradicionalmente a sociedade compreende a categoria juventude como uma fase de transição da infância para a vida adulta. No entanto, no entendimento de Camarano et al (2006), a percepção dos jovens apenas sob a ótica da transitoriedade de sua condição, dificulta enxergá-los como sujeitos de direitos, com experiências tão importantes quanto as pessoas que estejam em outras fases.

A população jovem é identificada como pertencentes a uma determinada faixa etária. A OMS - Organização Mundial da Saúde e UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, adotam o recorte etário de 15 a 24 anos. No Brasil, a partir de 2005 tem se adotado uma faixa etária mais extensa, de 15 a 29 anos (CASTRO, 2008).

Todavia, essa variante não é suficiente para definir a categoria juventude, de acordo com Castro apud Novais (2012), para além dos cortes etários e apesar deles, não se fala mais

em juventude, mas em juventudes. Assim, a categoria juventude deve ser considerada como uma categoria histórica e social, que possui identidades distintas.

Comumente, quando se fala em juventude, costuma relacioná-la à educação, cultura e lazer, no entanto, o trabalho, segundo Guimarães (2008), se destaca de forma recorrente entre os assuntos de maior interesse para a juventude brasileira, sendo este também um dos problemas que mais os preocupam e que impulsiona a migração.

O corte etário adotado pela OMS e UNESCO, segundo Castro (2012, p. 437/438), “procura homogeneizar o conceito de juventude com base nos limites mínimos de entrada no mundo do trabalho reconhecidos internacionalmente, e nos limites máximo de término da escolarização formal básica”. No que se refere à juventude brasileira e mais especificamente aos/às jovens do campo, que desde cedo já atuam no mundo do trabalho e dificilmente terminam os estudos na idade considerada padrão, este corte etário não dar conta da sua heterogeneidade.

Assim, compreender a juventude apenas como um momento de transição da escola ao trabalho, não condiz com a realidade dos/as jovens, como afirma Guimarães (2008, p. 167), “o jovem brasileiro vive essa transição de uma forma muito peculiar, numa socialização antecipada e temporã no trabalho”.

Sabe-se que o ingresso da população brasileira no trabalho começa ainda na infância, e de acordo Guimarães (2008, p. 167), “nada menos que 33% deles inicia sua carreira como trabalhador entre 05 e 14 anos”. Em se tratando da população do meio rural, essa constatação é mais evidente. Segundo Corrochano et al (2008, p. 58),

o trabalho é uma questão central para os jovens brasileiros, tendo em vista que a grande maioria deles encontra-se no mercado de trabalho, trabalhando ou em busca de um emprego, tornando fundamental que diferentes olhares e ações considerem esta realidade.

Neste contexto, faz-se necessário um olhar aprofundado para as relações dos/as jovens com o trabalho, sobretudo, os/as jovens do campo. Tendo em vista que a precarização do trabalho, de acordo com Nakan e Almeida apud Quadros (2007, p. 10) “atinge mais diretamente os jovens, que integram a pequena economia familiar, sobretudo rural, na condição de trabalhadores não remunerados”.

Os/as jovens do campo enfrentam ainda a invisibilidade e a migração que, segundo Weisheimer (2005, p. 08) “parecem fortalecer-se mutuamente, criando um círculo vicioso em que a falta de perspectivas tira dos jovens o direito de sonhar com um futuro promissor no meio rural”. Nesse sentido, compreende-se que educação fornecida aos/as jovens do campo é

um dos fatores determinantes para a permanência no campo, mas como pode ser observado a educação rural fez o contrário, desvalorizou o trabalho agrícola, incentivou a migração e a busca de melhores condições de vida na cidade.

Problemáticas contemporâneas dos/das Jovens do Campo: resultado da discussão nos artigos analisados

Para a realização deste artigo, foram analisados 03 (três) trabalhos publicados nos eventos já mencionados na introdução. Na perspectiva deste estudo, foram analisados os fatores que produzem efeitos na permanência/migração dos/as jovens do campo nos contextos das pesquisas realizadas.

Percebe-se que a juventude rural se encontra diante de muitos desafios e incertezas entre “ficar e sair” do campo. Castro (2005) resalta alguns elementos configuradores dessa dualidade: a circulação dos/das jovens em função da escola e do trabalho; a difícil realidade de se reproduzir a pequena produção familiar; as tensões a partir das relações de autoridade na família e na “comunidade”; e os diferentes olhares para a realidade e o universo rural e urbano do qual fazem parte esses/essas jovens e adultos. Nesse sentido, segundo Castro (2005) “ficar” e “sair” do campo como problemas sociológicos apareceram vividos de forma bem mais dramática que uma simples escolha ou imposição.

Esses elementos foram identificados nos artigos analisados, na pesquisa *Reflexos dos processos migratórios na escolarização dos jovens do campo do município de Teofilândia – BA*, Queiroz (2013), resalta que o fato das atividades remuneradas no campo, serem esporádicas, também são pouco valorizadas em termos de remuneração e não garantem uma renda fixa, fatos que corroboram para a saída dos/das jovens. Nesse contexto, Castro (2005) afirma que o trabalho urbano é valorizado pela renda “mais certa”, que contribui com a renda da família, vista como necessária devido às condições difíceis de retorno financeiro da produção no campo.

No artigo que aborda a temática sobre *As perspectivas dos jovens do campo de Canoinhas/SC*, Dalmagro e Santos (2013), enfatizam que a migração está associada à liberdade (em relação à autoridade paterna), independência financeira, busca de um trabalho mais leve, com melhores condições e a precariedade do acesso ao lazer. Nesse sentido, Carneiro (2008, p. 257), também afirma que “a ausência de espaços de lazer é responsável,

entre outros fatores, pela avaliação negativa do campo em relação à cidade e pelo desejo de migração”.

Para as jovens especificamente, os fatores que contribuem para a migração estão relacionados à continuação dos estudos, e a busca de um trabalho “que não seja tão pesado quanto é a produção do fumo e ainda vão em busca da tão desejada liberdade, que as mesmas não possuem devido ao conservadorismo e autoridade paterna”. (DALMAGRO e SANTOS, 2013, p. 09).

A questão do tamanho da propriedade da terra, que se torna insuficiente para gerar renda para toda a família, também foi um fator determinante para a migração dos/das jovens do município de Canoinhas/SC, segundo as autoras, toda essa problemática envolvendo a difícil condição de vida dessas famílias resultam no êxodo rural. No contexto dessa pesquisa, a permanência dos/das jovens está diretamente ligada ao acesso ao trabalho no campo, ao lazer e à educação.

Em relação à educação ofertada aos/as jovens do campo do município de Canoinhas/SC, as autoras fazem uma reflexão em relação ao papel da escola, tendo em vista que a mesma, “não oferece uma contribuição efetiva para o entendimento da realidade e ferramentas para sua transformação. Nesse sentido ela não consegue contrapor-se, nem parcialmente para diminuir o êxodo rural e tornar o local mais atrativo aos jovens”. (DALMAGRO e SANTOS, 2013, p. 13).

A pesquisa *A relação trabalho e educação na percepção de jovens do campo*, trata especificamente da migração sazonal dos jovens para o corte de cana. Segundo Silva e Trindade, (2013), o principal fator que proporciona a migração desses jovens é a possibilidade de adquirir bens de consumo para se divertirem, sendo este o meio rápido de se obter dinheiro e bens materiais que possam lhes dar *status* perante a sociedade.

Em relação à educação, segundo Silva e Trindade (2013. P. 15) “a educação para nenhum desses jovens é tida como meio para melhoria da vida no campo, pelo contrário, ela representa uma possibilidade de sair do campo”. Nesse contexto, Castro (2005) afirma que o estudo para os/as jovens do campo é associado a imagens de mobilidade social. Dessa maneira, os/as jovens, constroem, a relação com a escolaridade (principalmente a conclusão do Ensino Médio) como um caminho para uma perspectiva profissional menos penosa do que o trabalho precário em que estão inseridos. Carneiro (2008), também ressalta o fato do estudo ser encarado pelos/pelas jovens do campo, como um passo para “ser alguém na vida”, o que significa fundamentalmente não ser agricultor/a.

No entanto, no caso desses/as jovens pesquisados por Silva e Trindade (2013) percebe-se que a necessidade de manter esse tipo de emprego (corte de cana) impede a continuidade da formação escolar ou mesmo de uma qualificação profissional mais específica.

No contexto dos artigos analisados, no que se refere aos fatores que contribuem para a migração dos/das jovens do campo, percebe-se que a questão da busca de um trabalho na cidade, com melhores condições de renda são fatores comuns a todas as pesquisas. Nota-se, também a centralidade do trabalho para os/as jovens, sejam eles/elas do campo ou da cidade, corroborando assim com afirmação de Guimarães (2008), no sentido que este é dos problemas que mais os preocupam e que impulsiona a migração.

Nessa perspectiva, segundo Castro (2005) “ficar e sair”, é uma decisão mais complexa do que revelam as pesquisas sobre juventude rural, isto é, como uma simples atração pelo mundo urbano e desinteresse pelo trabalho rural. Pois, envolvem a saída para continuar os estudos, a busca de trabalho que ofereça melhores condições de trabalho e remuneração, a busca de autonomia em relação à família, a carência de políticas públicas e no caso das jovens envolve também a exclusão do processo sucessório.

Algumas Considerações

Os resultados dessa análise evidenciaram que a permanência/migração dos/das jovens do campo está permeada de tensões e conflitos. Esta decisão está relacionada a fatores sociais como a precarização e a desvalorização do trabalho no campo, da falta de acesso à terra, à educação, à saúde, ao lazer, dentre outras dificuldades vivenciadas no meio rural.

Nesse contexto, segundo Castro (2005), a dualidade entre ficar e sair, são centrais para a percepção de que a mudança da realidade do/da jovem do campo demanda ações coletivas e políticas públicas de longo alcance que gerem transformações mais profundas na realidade brasileira.

A partir do referencial teórico e dos artigos analisados, pode-se perceber que não se fala mais em juventude, mas em juventudes, tendo em vista que os/as jovens não formam um todo homogêneo. Assim, a partir desta análise, espera-se dialogar com outras realidades e experiências, para tanto desenvolvo uma pesquisa como trabalho de conclusão do Mestrado em Educação do Campo – UFRB, que tem como objetivo analisar as implicações para a permanência da juventude do campo no contexto do semiárido do município de Urandi-BA.

A pesquisa em andamento já aponta que as relações de trabalho no contexto do Semiárido são determinantes para a migração dos/das jovens do campo do município de Urandi/BA para contextos urbanos.

REFERÊNCIAS

BOGO, Ademar. **A questão da Educação do Campo e as contradições da luta pelo direito.** In **Educação do Campo e Contemporaneidade.** Org.; Nascimento, A.D., Rodrigues, R.M.C., Sodré, M, D.B. Salvador, EDUFBA, 2013, 346 p.

CALDART, Roseli Salete. Notas para uma análise de percurso. In.: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa II:** questões para reflexão. Brasília: MDA/MEC, 2010.

CAMARANO, Ana Amélia (Org) **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira:** análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre Ficar e Sair:** uma etnografia da construção da categoria jovem rural. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2005.

_____. Juventude: Hierarquia Social e Relações de Poder na Luta pela Construção de um Ator Político. In: PAPA, Fernanda; JORGE, Flávio; MORAES, Rafael (org.s). **Juventude em formação:** textos de uma experiência petista. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2008.

_____, Elisa Guaraná de. Juventude do Campo. In: CALDART, Roseli Salete (org). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CORROCHANO, Maria Carla [et al.]. **Jovens e trabalho no Brasil:** desigualdades e desafios para as políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa, Instituto ibi, 2008.

DALMAGRO, Sandra Luciana, SANTOS, Marisa Cordeiro do. Quais são as perspectivas dos jovens do campo de Canoinhas/SC? In.: **Anais... I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB**

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel. BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.s). **Retratos da Juventude Brasileira:** análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

NAKAN, Marilena. ALMEIDA, Elmir de. Reflexões acerca da busca de uma nova qualidade da educação: relações entre juventude, educação e trabalho. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1085-1104, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2128100.pdf>. Acesso em 09/09/2013.

QUEIROZ, Sicleide Gonçalves. Reflexos dos processos migratórios na escolarização dos jovens do campo de Teofilândia/BA. In.: **Anais... I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB**

SILVA, Priscila Teixeira da. TRINDADE, Domingos Rodrigues da. A relação trabalho e educação na percepção de jovens do campo. In.: **Anais... II SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFSCAR.**

VENDRAMINI, Célia Regina. A Educação do Campo na Perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético. In. MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa II: questões para reflexão.** Brasília: MDA/MEC, 2010.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: Mapa de estudos recentes.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.